

»Entrevista | MIGUEL NICOLELIS | NEUROCIENTISTA

Para o pesquisador, é necessário que os governos voltem a considerar a hipótese de adotar medidas restritivas. E lamenta o apagão de dados do ministério, que compromete as estimativas das infecções pela covid-19 e prejudica o combate à doença

“A variante ômicron não é leve”

» GABRIELA CHABALGOITY*

O avanço da variante ômicron e o recrudescimento da pandemia de covid-19 com novo disparo no número de infecções é preocupante, deve ser levada a sério, mas, no governo federal, não há lideranças e gente competente para lidar com a nova ameaça. O alerta é do neurocientista Miguel Nicolelis, entrevistado de ontem do CB.Poder — parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília. Para piorar a situação, segundo ele será necessário retornar com algumas medidas — como a obrigatoriedade do uso de máscaras e o afastamento social —, que o presidente Jair Bolsonaro e vários dos seus ministros contestam e tentam desqualificar. Nicolelis adverte, ainda, que a cepa ômicron não é leve, como equivocadamente se tem divulgado.

Qual o diagnóstico do senhor para o atual momento da pandemia?

Estamos entrando na terceira onda, que esperávamos desde outubro. Houve um adiamento, começamos a ver os sinais em novembro e houve a explosão em dezembro, com um número de casos enorme no Brasil e no mundo. O agravante do nosso país é o apagão de dados e a ausência de uma noção exata da magnitude da onda neste momento — só sabemos que ela é enorme. E estamos vendo a concorrência de três epidemias no Brasil: da ômicron, que é dominante, da delta e, somado a isso, da influenza.

Como esse apagão de dados atrapalha na busca do melhor enfrentamento?

Com esse apagão, não temos a menor condição de estimar a realidade e quais os municípios e estados que estão sendo afetados. Houve uma estimativa no final de semana de que o Brasil poderia ter 400 mil casos diários. É conveniente não testar e não reportar porque, aí, realmente, a pandemia some dos dados oficiais. Ela não some das ruas, dos centros de saúde, das unidades

Credito: Fred Beck/TV Brasília



Uma variante que causa quase 3 milhões de infecções por dia no mundo e que leva, sim, a hospitalizações, não pode ser considerada leve”

Miguel Nicolelis, neurocentista

básicas de saúde, dos hospitais. Ela não some, também, dos nossos relatos pessoais, de parentes e conhecidos. Todos dizem que nunca viram tantas pessoas infectadas pelo vírus. Isso é algo que deve ser levado em conta porque, na falta de dados, demonstra a amplitude da transmissão da ômicron no Brasil.

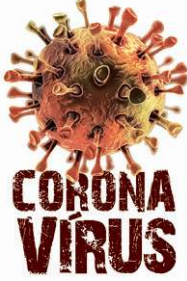
Por que o fenômeno da gripe chegou nesse período?

A influenza está fora da estação dela, aqui no Brasil — que começa em março e entra no inverno. Outra coisa é que houve uma redução de casos tanto da influenza quanto da dengue no Brasil e, provavelmente, pelo uso de máscara, pelo isolamento social. Mas estamos

estudando outras formações para tentar explicar uma explosão de casos. O problema é que, em dezembro, começou-se a culpar a influenza pelos casos gripais, mas ninguém estava para fazer o diagnóstico. Muita coisa foi catalogada como influenza, mas era covid.

Por que a infecção pela ômicron não pode ser considerada leve, como muitos dizem?

Por várias razões. Ela pode até levar a sintomas mais leves em pessoas já vacinadas ou mesmo em pessoas não vacinadas. Todavia, do ponto de vista



populacional, uma variante que causa quase 3 milhões de infecções por dia no mundo e que leva, sim, a hospitalizações, não pode ser considerada leve. Se você gerar milhões de casos diários, mesmo que a fração de casos graves seja menor do

que a delta, você ainda vai ter um número enorme de pessoas procurando serviços hospitalares e precisando ser internadas. As pessoas estão deixando todos se contaminarem para chegar à imunidade de rebanho, mas nós não vamos ter. Se aparecer outra variante, como apareceu a delta, não vamos ter. Precisamos

quebrar a transmissão e reduzir o número de casos.

Os casos mais graves estão relacionados a pessoas não imunizadas?

Sim. Relatórios vindos dos Estados Unidos e do Reino Unido mostram que até 11 vezes mais pessoas que desenvolveram casos graves são as não vacinadas.

O senhor acredita na segurança da vacinação de crianças de 5 a 11 anos?

Sem dúvida, não podíamos ter adiado por conta de uma consulta pública que não tem comprovação científica nenhuma. A segurança foi comprovada e as doses estão entregues. Nos países que fizeram a

vacinação, os efeitos de proteção foram constatados. O retorno às aulas sem a imunização de crianças nessa faixa etária é absurdo. Vamos colocar em risco não só as crianças, que já morreram pela covid, mas as famílias, porque as crianças podem pegar ou transmitir.

Existe um risco, com a não adoção da imunização das crianças, de existir uma nova variante que apenas as afete?

Sim, já existe. É nítido que a ômicron está atacando as crianças, que não estão vacinadas. As UTIs pediátricas do Reino Unido e dos EUA estão ficando lotadas. Estamos vendo o fenômeno ocorrer no Brasil, também, desde novembro, inclusive em Brasília.

É o momento de os governos adotarem medidas restritivas?

Sem dúvida. Infelizmente, as pessoas acreditaram em algumas versões de que a pandemia tinha acabado, e isso foi como um passaporte para que tivessem uma desculpa para que pudessem se aglomerar e participar de grandes festas no natal e ano novo. Com a alta da vacinação no Brasil, houve um alibi para as festas. Agora, temos que voltar com o uso de máscaras, remover aglomerações em jogos de futebol, cancelar todos os tipos de carnaval e festas privadas. Estamos em uma emergência novamente. Se não fizermos isso, vamos sobrecarregar o SUS e as pessoas podem até não morrer por covid, mas por falta de cuidados, como já aconteceu.

A postura do governo de combater vacinas e subestimar o número de mortes das crianças é um mau exemplo, não?

É a pior postura, talvez uma das piores do mundo. O presidente Jair Bolsonaro é, realmente, um caso à parte e vai ficar para a história. Ninguém nunca vai entender essa conduta, que é completamente fora dos níveis éticos e morais. O Brasil registrou números recordes em mortes por covid em grande parte por culpa dessa campanha negacionista do presidente.

Ed Alves/CB



Segundo Queiroga, ministério, agora, vai ampliar a testagem

Quarentena pode ser de apenas 5 dias

» LUANA PATRIOLINO

O Ministério da Saúde anunciou, ontem, a mudança no período do cumprimento da quarentena para pacientes contaminados pela covid-19. Segundo a pasta, a partir de agora, o intervalo, que era de 10 dias, passa para sete, para pessoas com casos leves e moderados, mas pode se encerrar em até cinco dias. A decisão veio horas depois de a Secretaria da Saúde de São Paulo ter feito anúncio semelhante e do Rio de Janeiro ter adotado regras próprias.

“A nossa mensagem principal é que o isolamento é de sete dias, se ele não quis testar no quinto e tiver sem sintomas no sétimo ele pode sair do isolamento. Não é necessário testar.

Recomendamos manter as recomendações até o 10º”, explicou o secretário de Vigilância em Saúde, Arnaldo Medeiros, durante coletiva de imprensa.

Se no quinto dia o paciente estiver sem sintomas respiratórios, sem febre e uso de medicamentos, ele pode realizar a testagem para a doença. Caso o resultado para o novo coronavírus seja negativo, poderá ser liberado do isolamento. Em situações de resultado positivo, a quarentena deverá continuar até o décimo dia. “Essa é a quarta atualização do guia epidemiológico para covid-19”, esclareceu Medeiros.

A regra prevista anteriormente pela pasta era de 14 dias de isolamento ininterrupto. De acordo com o ministério, foram utilizados como referência os

protocolos do Centro de Controle de Doenças Infecciosas (CDC), dos Estados Unidos, e do Sistema Nacional de Saúde (NHS), da Inglaterra. “Agora, estamos nos preparando para ampliar algumas políticas, como a de testagem”, disse o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga.

Na manhã de ontem, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, anunciou que os integrantes da pasta e membros dos conselhos de secretários estaduais e municipais de Saúde (Conass e Conasems) iriam se reunir para dar um veredicto sobre o tema.

A nova regra adotada pela pasta se aproxima da atualização do CDC norte-americano, que reduziu de 10 dias para cinco dias o tempo recomendado de isolamento para assintomáticos,

desde que prossigam com o uso de máscara e testem negativo para a doença. A França tomou decisão semelhante.

A redução do período de quarentena para infectados pelo novo coronavírus divide cientistas. Entidades da área de saúde, como a Associação Médica Brasileira (AMB), veem margem para diminuir o isolamento, mas acham um prazo inferior a uma semana arriscado — no Rio são cinco dias para os assintomáticos.

De acordo com o especialista da Fundação Oswaldo Cruz Júlio Croda, as decisões dos governos tendem a levar em consideração a perda de força de trabalho pelo isolamento. “Os dados são escassos para tomada de decisão. Não tem dados científicos consistentes”, explicou.

Voos cancelados por surto nas tripulações

» MARIA EDUARDA ANGELI*

Pelo menos 500 voos nacionais e internacionais já foram cancelados pelas empresas aéreas brasileiras em razão do surto de covid-19 e de gripe entre as tripulações. A situação está sendo monitorada pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), que cobra das companhias a revisão das medidas de cuidados com a saúde do funcionário.

No acumulado geral de quinta-feira e ontem, a Azul teve 387

viagens não realizadas em função de um aumento acima dos 400% no número de afastamentos de pessoal, na última semana. O cenário levou a aérea a cancelar 29 voos no Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas (SP). A empresa afirmou que os clientes afetados pelo reagendamento ou cancelamento das partidas estão recebendo “toda a assistência necessária” e sendo informados sobre eventuais alterações.

Já a Latam foi a que mais

cancelou voos. Só ontem, foram 53 domésticos e 19 internacionais suspensos em São Paulo, além de 19 remarcados no aeroporto de Congonhas (SP). A empresa já havia anunciado que 47 voos com previsão para decolar até 16 de janeiro não aconteceriam. A companhia, agora, acumula 162 voos paralisados.

A empresa pediu aos passageiros que verifiquem o status do voo em que devem embarcar antes de se deslocarem para o aeroporto. Como forma de

tentar amenizar os prejuízos dos clientes, a Latam dá aos usuários afetados a possibilidade de remarcar a viagem planejada sem multa e diferença de taxa, ou de solicitar o reembolso das passagens, também sem custo adicional.

A Gol também registrou surtos de infecção pelo novo coronavírus e influenza. Apesar disso, a empresa explicou que “nenhum voo foi cancelado ou sofreu alteração significativa por este motivo”. Acrescentou que os

funcionários com os quais forem constatados alguma das doenças estão “sendo afastados das funções para se recuperarem em casa, com segurança”.

Os passageiros que comprovarem a testagem positiva antes de embarcar podem escolher entre o cancelamento da passagem com reembolso total ou em forma de crédito ou remarcação da viagem sem taxas.

***Estagiárias sob a supervisão de Fabio Grecchi**

» Apagão na Saúde completa um mês

O apagão de dados oficiais sobre a covid-19 no Brasil, após ataques hackers ao Ministério da Saúde, completou, ontem, um mês. Os impactos provocados pela falta de dados ainda são sentidos e atrapalham o acompanhamento da pandemia no país, já que especialistas e o público ainda estão sem acesso a informações importantes sobre o novo coronavírus. Os aplicativos e sites da pasta voltaram a funcionar há duas semanas, mas sistemas como o e-SUS Notifica, SI-PNI e Sivep-Gripe ainda estão fora do ar.